GERAÇÃO PERDIDA Galera: a morte de um escritor reaproxima um grupo de amigos – e evidencia suas frustrações

OS DIAS DA CRISE

Cristovão Tezza e Daniel Galera enfrentam a atualidade brasileira em romances que têm pontos de contato, mas também méritos e limitações particulares **JERÔNIMO TEIXEIRA**

EM VISITA a Curitiba, meses antes da Copa do Mundo, um executivo alemão da Fifa faz uma pergunta potencialmente embaraçosa à sua intérprete: "Em quem você vai votar para presidente?". Beatriz responde que não sabe (na verdade, cogita anular o voto), mas, na tentativa de tranquilizar o executivo quanto à estabilidade política do país, afirma que Dilma Rousseff provavelmente seria reeleita. No mesmo ano de 2014, Aurora, bióloga que faz doutorado na USP, declara, em conversa telefônica com o pai, um antipetista fervoroso, que vai, sim, votar em Dilma. Mulheres na faixa dos 30, ambas são personagens fictícios, criaturas da imaginação de dois escritores de gerações diferentes: Beatriz, do catarinense (curitibano por adoção) Cristovão Tezza, 64 anos; Aurora, do paulista (porto-alegrense honorário) Daniel Galera, 37. Na

JOGOS DE LINGUAGEM Tezza: affair entre a intérprete e o executivo da Fifa

© GUILHERME PUPO/FOLHAPRESS

naturalidade com que, em seus romances mais recentes, esses autores abordam uma medíocre contingência da política recente, fica demonstrada a disposição de olhar de frente para o tempo e o lugar em que vivem, mas com um esforço para ultrapassar o rés do chão do debate público médio. São livros de natureza, mérito e limitações distintos, nos quais, no entanto, a atualidade brasileira respira em sua flagrante miséria e indecisa esperança.

Embora conduza sua pesquisa científica em São Paulo, Aurora é gaúcha. No início de ***Meia-Noite e Vinte*** (já nas livrarias), ela retorna a Porto Alegre para visitar o pai, que acaba de receber uma ponte de safena — e nesses dias o escritor Andrei, seu amigo de juventude, é morto por um assaltante quando corria, à noite, pelas ruas da cidade. No enterro, Aurora reencontra dois amigos há muito distanciados: Emiliano, jornalista, gay, com certa aura underground, e Antero, publicitário bem-sucedido. Com Andrei, eles formaram o grupo que, nos anos 90, lançou uma pioneira revista digital de literatura (a ciência foi uma opção tardia de Aurora), a *Orangotango.* Confrontados com a morte brutal do amigo mais brilhante, os três sobreviventes ganham uma consciência aguçada de seus fracassos e frustrações profissionais, sexuais e existenciais. Retratada com pesada tinta naturalista — ênfase na imundície das ruas, na sordidez dos habitantes e no calor suarento e opressivo do verão —, Porto Alegre revela-se o palco certo para esse drama de uma geração perdida. Há momentos de pleno deslumbramento no romance — a surpresa de Emiliano (e do leitor) ao descobrir onde Andrei esteve momentos antes de ser assassinado —, mas uma nota autoindulgente compromete a fatura final. Se essa geração se perdeu, é porque, afinal, haveria algo a ser perdido: do início ao fim da história, se dá de barato que uma revista literária lançada na internet por quatro moleques nos anos 90 só poderia ser qualquer coisa de revolucionário.

Beatriz — que já aparecera em um livro anterior de Tezza, *Um Erro Emocional* — também circu-

la no meio literário. Ela é a figura referida no título do novo romance: ***A Tradutora*** (em pré-venda nas livrarias, com distribuição a partir do início de outubro). Mas não há tanta complacência com os tipos letrados: o escritor Paulo Donetti, com quem a protagonista vive um romance a distância (ele mora em São Paulo; ela, em Curitiba), a despeito de sua pose pretensiosa e arrogante de contestador, revela-se um amante inseguro e ciumento. Beatriz vai dispensá-lo para depois se jogar nos braços firmes de Erik, o executivo da Fifa que a contrata como intérprete. Tezza, no domínio de seu ofício, entrelaça diferentes planos temporais e ainda interpola, na narrativa, as frases longas e tortuosas do catalão Felip Xaveste, o filósofo conservador (e, bem entendido, fictício) que Beatriz está traduzindo. Os habilidosos jogos especulares — entre o Brasil e o estrangeiro, a língua de origem e a língua para a qual se traduz — a que *A Tradutora* convida o leitor seriam mais instigantes se a relação entre Beatriz e Erik não tivesse tanto relevo na história: o alemão, personagem simpático mas frívolo, não tem profundidade para ser o "outro" com que Beatriz e o Brasil afinal precisam se confrontar.

A intromissão recorrente do ceticismo de Xaveste traz uma densidade ímpar para o livro de Tezza, mas a leveza predomina: para uma obra que acompanha tão de perto o tempo presente, parece faltar certa intensidade, talvez um maior senso de urgência. Galera, na via contrária, pesa a mão na catástrofe — para na última página apresentar um belo mas artificioso emblema de esperança, quase um *deus ex machina* que vem solucionar os impasses geracionais de seus personagens. Enfim, na literatura, como na política, seguimos tentando. ■

MEIA-NOITE E VINTE, de Daniel Galera (Companhia das Letras; 206 páginas; 34,90 reais ou 23,90 em versão digital)

A TRADUTORA, de Cristovão Tezza (Record; 208 páginas; 42,90 reais)